

16 a 31 de OUTUBRO DE 2017

As principais informações da
economia mundial, brasileira e baiana

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Na segunda quinzena de outubro, os destaques da conjuntura nacional foram: queda na atividade da economia; corte na taxa Selic; variação positiva do IGP-M; recuo no setor de serviços; crescimento das exportações; redução nas vendas do comércio; crescimento de vagas formais de trabalho; elevação no nível de confiança do comércio e do consumidor; crescimento da arrecadação federal; aumento da dívida pública federal. Na economia internacional os destaques foram: crescimento na economia dos EUA; alto nível de confiança e menor desemprego na zona do euro; alta nos preços ao produtor da China.

Queda na atividade da economia brasileira

A economia do Brasil contraiu mais do que o esperado em agosto, resultado mais fraco em cinco meses e interrompendo dois meses de alta, mas ainda insuficiente para frear o processo de recuperação gradual da atividade. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), espécie de sinalizador do Produto Interno Bruto (PIB), caiu 0,38% em agosto sobre julho, em dado dessazonalizado. O resultado negativo foi o maior desde março, quando o IBC-Br teve contração de 0,40%, e veio após o país ter iniciado o terceiro trimestre com crescimento mensal de 0,36% em julho, em dado revisado pelo Banco Central de alta de 0,41% divulgada inicialmente. Na comparação com agosto de 2016, o IBC-Br apresentou avanço de 1,64%, enquanto que no acumulado em 12 meses houve queda de 1,08% (REUTERS, 18/10/2017).

Banco Central reduz taxa Selic

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central anunciou um corte de 0,75 ponto percentual na taxa básica de juros da economia, que passou de 8,25% para 7,50% ao ano. Foi o nono corte consecutivo da Selic. A decisão foi por unanimidade e sem viés. A redução da Selic foi mais amena do que a adotada nas últimas quatro reuniões da autoridade monetária, quando a taxa foi cortada em um ponto percentual (*EXAME*, 25/10/2017).

IGP-M registra variação de 0,20% em outubro

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) variou 0,20%, em outubro. Em setembro, o índice variou 0,47%. Em outubro de 2016, a variação foi de 0,16%. A variação acumulada em 2017, até outubro, é de -1,91%. Em 12 meses, o IGP-M registrou taxa de -1,41%. O IGP-M é calculado com base nos preços coletados entre os dias 21 do mês anterior e 20 do mês de referência. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) apresentou taxa de variação de 0,16%. No mês anterior, a taxa foi de 0,74%. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou variação de 0,28%, em outubro, frente a -0,09%, em setembro. O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) registrou, em outubro, taxa de variação de 0,19%. No mês anterior, este índice variou 0,14%. O comércio varejista ampliado, que inclui o varejo e as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, ficou praticamente estável em termos de volume (0,1%) frente a julho de 2017, com alta nas vendas pelo terceiro mês consecutivo, enquanto a receita nominal teve variação de 0,4%. Em relação a agosto de 2016, o varejo ampliado cresceu 7,6% no volume de vendas e 5,1% em receita nominal. Os acumulados do volume de vendas foram de 1,9% no ano e de -1,6% nos últimos 12 meses, enquanto a receita nominal registrou taxas de 2,3% e 1,2%, respectivamente (*FGV*, 30/10/2017).

Queda em alimentação e hospedagem contribui para a baixa nos setor de Serviços

Única atividade em baixa em agosto, na comparação com julho, o setor de Serviços prestados às famílias (-4,8%) foi um dos principais responsáveis pela queda de 1,0% registrada na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada pelo IBGE. O segmento vinha de três altas consecutivas, mas foi afetado pelos Serviços de alojamento e alimentação, que caíram 7,5% no mês. No índice geral, a taxa acumulada no ano é de -3,8% e, em 12 meses, -4,5%. Estabelecimentos como restaurantes, bares e hotéis vinham de quatro meses de crescimento, mas a alta também foi interrompida em agosto. Houve uma queda generalizada no consumo desses serviços. Foi algo observado em todas as unidades da federação. Contribuíram também para a queda do índice geral as baixas em Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias

(-2,0%), de Tecnologia da informação (-1,6%), Transporte terrestre (-1,1%), Armazenagem, serviços auxiliares dos transportes e correios (-0,7%) e Telecomunicações (-0,2%). Os destaques positivos em agosto foram o Transporte aéreo (5,3%) e o Transporte aquaviário (3,9%), assim como os Serviços administrativos e complementares (1,5%). Os Outros serviços prestados às famílias - lavanderia, salão de beleza, academia, entre outros – permaneceram estatisticamente estáveis, por sua vez, com variação de 0,1% em agosto (IBGE, 17/10/2017).

Exportações têm crescimento em setembro

As exportações brasileiras tiveram um crescimento de 15,1% em setembro, na comparação com o mesmo período do ano passado. Já as importações cresceram 18,0% no período. Entre as três atividades econômicas pesquisadas, a principal alta no volume exportado entre setembro de 2016 e setembro deste ano foi observada na Agropecuária (94,5%). As exportações da Indústria extrativa cresceram 7,3% e as da Indústria da transformação tiveram aumento de 5,3%. Dentro da Indústria da transformação, apenas os bens de capital tiveram queda no volume exportado (11,6%). Entre as outras quatro categorias de uso, os bens de consumo duráveis foram os que tiveram maior alta nas exportações (27,2%), seguidos pelos bens de consumo semiduráveis (10,0%), pelos bens intermediários (9,5%) e pelos bens de consumo não duráveis (5,5%). Já os preços dos produtos exportados cresceram 2,7%, enquanto os preços dos importados caíram 1,5% entre setembro de 2016 e setembro deste ano (EXAME, 17/10/2017).

Queda nas vendas do comércio

Em agosto de 2017, o volume de vendas do comércio varejista nacional recuou 0,5%, enquanto a receita nominal teve variação de -0,1%, ambos frente a julho, na série com ajuste sazonal. A queda no volume de vendas ocorreu após quatro meses de crescimento, período em que houve um ganho acumulado de 2,1%. Em relação a agosto de 2016, o volume de vendas avançou 3,6%, quinta taxa positiva consecutiva nesta comparação. O acumulado no ano foi de 0,7%. O acumulado nos últimos 12 meses permanece negativo (-1,6%), mas reduzindo o ritmo de queda, pois este foi o recuo menos intenso desde agosto de 2015 (-1,5%). O comércio varejista ampliado, que inclui o varejo e as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, ficou praticamente estável em termos de volume (0,1%) frente a julho de 2017, com alta nas vendas pelo terceiro mês consecutivo, enquanto a receita nominal teve variação de 0,4%. Em relação a agosto de 2016, o varejo ampliado cresceu 7,6% no volume de vendas e 5,1% em receita nominal. Os acumulados do volume de vendas foram de 1,9% no ano e de -1,6% nos últimos 12 meses, enquanto a receita nominal registrou taxas de 2,3% e 1,2%, respectivamente (IBGE, 11/10/2017).

Brasil abre 34,4 mil vagas formais de trabalho em setembro

O Brasil registrou criação líquida de 34.392 vagas formais de emprego em setembro, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). No acumulado dos nove primeiros meses do ano, foram abertos 208.874 postos com carteira assinada, em dados com ajustes, sinal da gradual recuperação econômica após dois anos de profunda recessão. No mês passado, segundo o Caged, houve melhoria principalmente na Indústria de transformação, com abertura de 25.684 postos, além do Comércio (15.040 vagas) e Serviços (3.743). Em contrapartida, os setores da Agropecuária e de Serviços industriais e utilidade pública foram os que mais fecharam postos, respectivamente, 8.372 e 1.246 vagas (REUTERS, 19/10/2017).

Brasil tem desemprego menor no trimestre até setembro

A taxa de desocupação no Brasil ficou em 12,4% no trimestre encerrado em setembro deste ano, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No trimestre encerrado em agosto, a taxa de desemprego estava em 12,6%. No trimestre terminado em setembro de 2016, a taxa de desemprego medida pela Pnad Contínua foi de 11,8%. A renda média real do trabalhador foi de R\$ 2.115 no trimestre encerrado em setembro. O resultado representa alta de 2,4% em relação a igual período do ano anterior. A massa de renda real habitual paga aos ocupados somou R\$ 188,1 bilhões no trimestre até setembro, alta de 3,9% em relação a igual período do ano anterior (EXAME, 31/10/2017).

Confiança do comércio tem maior nível desde meados de 2014 e indica recuperação

O Índice de Confiança do Comércio (ICOM) da Fundação Getúlio Vargas subiu 3,3 pontos em outubro, atingindo 92,5 pontos. Com a segunda alta consecutiva, o indicador registra o maior nível desde agosto de 2014 (92,7 pontos). Em médias móveis trimestrais, o índice subiu pelo segundo mês seguido (3,0 pontos). A alta do ICOM em outubro estendeu-se a 10 dos 13 segmentos pesquisados. Houve melhora tanto das expectativas quanto das avaliações sobre a situação atual. O Índice de Situação Atual (ISA-COM) subiu 2,3 pontos, para 86,2 pontos, o maior desde janeiro de 2015 (87,4 pontos). Já o Índice de Expectativas (IE-COM) avançou 4,1 pontos, para 99,2 pontos, o maior desde março de 2014 (102,0 pontos) (FGV, 27/10/2017).

Confiança do consumidor volta a subir e retoma nível anterior à crise política

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da Fundação Getúlio Vargas subiu 1,4 ponto em outubro, atingindo 83,7 pontos, maior nível desde maio de 2017 (84,2). Em relação ao mesmo período no ano anterior, o índice avançou 3,9 pontos. Em outubro, os consumidores avaliaram mais favoravelmente tanto a situação atual quanto as perspectivas futuras. O Índice de Situação Atual (ISA) subiu pelo terceiro mês consecutivo e, ao avançar 2,3 pontos atingiu 73,2 pontos, o melhor resultado desde junho de 2015 (74,9). O Índice de Expectativas (IE) avançou pelo segundo mês ao subir 0,7 ponto, para 91,8, nível próximo ao de junho desse ano (91,7) (FGV, 25/10/2017).

Crescimento da arrecadação federal

A arrecadação federal, o que inclui impostos, contribuições federais e outras receitas, como royalties pagos ao governo por empresas que exploram petróleo no país, totalizou R\$ 104,2 bilhões em agosto, informou a Secretaria da Receita Federal. Na comparação com o resultado da arrecadação de agosto do ano passado, houve um aumento real, ou seja, após descontada a inflação, de 10,78%, de acordo com dados oficiais. Trata-se do melhor resultado da arrecadação para meses de agosto desde 2015 (R\$ 104,66 bilhões). Este também foi o maior aumento mensal registrado em 2017. O resultado geral da arrecadação foi ajudado pelas receitas do governo com "royalties" do petróleo, que avançaram 18,68% em termos reais, em agosto, para R\$ 1,97 bilhão. Mas, diferente de outros meses, em agosto a arrecadação também foi impulsionada pela chamada "receita administrada", que inclui impostos e contribuições federais, e que teve alta real de 10,64%, para R\$ 102,22 bilhões. As comparações foram feitas com agosto do ano passado (GLOBO, 19/10/2017).

Dívida pública federal cresce 0,79% em setembro

O estoque da Dívida Pública Federal brasileira subiu 0,79%, saltando de R\$ 3,404 trilhões para R\$ 3,430 trilhões em setembro. O efeito foi influenciado, exclusivamente, pelo pagamento dos juros da dívida, que somou R\$ 25,98 bilhões. As pendências que podem ser pagas em reais -- Dívida Pública Mobiliária Federal interna (DPMFi) -- cresceram em 0,78%, passando de R\$ 3,286 trilhões para R\$ 3,311 trilhões. Já a Dívida Pública Federal Externa subiu 1,22%, chegando a R\$ 118,88 bilhões (CORREIO BRAZILIENSE, 23/10/2017).

Brasil tem déficit primário menor em setembro

O setor público consolidado brasileiro registrou déficit primário de 21,259 bilhões de reais em setembro, menor que o esperado e ajudado pelo desempenho de governos regionais, divulgou o Banco Central. O governo central (governo federal, Banco Central e Previdência) teve déficit primário de 22,227 bilhões de reais no mês. Por sua vez, governos regionais (Estados e municípios) e empresas estatais ficaram no azul em 776 milhões de reais e 191 milhões de reais, respectivamente. Nos nove primeiros meses do ano, o déficit foi a 82,110 bilhões de reais, um pouco abaixo do saldo negativo em 85,501 bilhões de reais de igual período do ano passado. A melhoria advém principalmente de superávit mais alto cravado por governos regionais, de 17,619 bilhões de reais, contra 10,015 bilhões de reais um ano antes. Já o governo central piorou suas contas no período, com rombo de 100,875 bilhões de reais de janeiro a setembro, sobre déficit de 94,476 bilhões de reais em igual etapa de 2016. Em 12 meses, o déficit primário do setor público consolidado é de 152,399 bilhões de reais, equivalente a 2,35% do Produto Interno Bruto (PIB). Para o ano, a meta para o setor público é de um rombo de 163,1 bilhões de reais, que inclui déficit de 159 bilhões de reais do governo central, de 3,0 bilhões de reais federais e de 1,1 bilhão de reais de Estados e municípios. Este será o quarto resultado seguido no vermelho do país. Em setembro, a dívida líquida foi a 50,9% do PIB, em relação a um patamar de 50,2% em agosto. Já a dívida bruta subiu a 73,9% do PIB em setembro, contra 73,7% no mês anterior. O movimento se deu apesar do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ter antecipado o pagamento de 33 bilhões de reais ao Tesouro Nacional, num movimento que diminuiu a dívida bruta (*EXAME*, 31/10/2017).

ECONOMIA INTERNACIONAL

Economia dos EUA cresce com o aumento dos estoques e déficit comercial menor

A economia dos Estados Unidos manteve inesperadamente o ritmo acelerado de crescimento no terceiro trimestre, com o aumento do investimento em estoques e um déficit comercial menor, compensando a desaceleração nos gastos dos consumidores relacionada aos furacões e o declínio da construção. As empresas acumularam estoques a um ritmo de 35,8 bilhões de dólares no terceiro trimestre em antecipação à demanda forte. Como resultado, o investimento em estoques contribuiu com 0,73% para o crescimento do PIB no terceiro trimestre, depois de acrescentar pouco mais de 0,1% no período anterior. As exportações aumentaram a uma taxa de 2,3% no terceiro trimestre, enquanto as importações caíram 0,8%. Isso deixou um déficit comercial menor, levando o comércio a acrescentar 0,41% ao crescimento do PIB (*REUTERS*, 27/10/2017).

Desemprego na zona do euro atinge menor nível desde 2009

A taxa de desemprego da zona do euro caiu para 8,9% em setembro, de 9% em agosto, atingindo o menor nível desde janeiro de 2009, segundo a Eurostat, a agência oficial de estatísticas da União Europeia. O dado de agosto foi revisado para baixo, de 9,1% originalmente. Em setembro, o número de desempregados no bloco teve queda de 96 mil, informou a Eurostat (*EXAME*, 31/10/2017).

Confiança da zona do euro atinge nível mais alto desde 2001

O ponto máximo de quase 17 anos confirma a sólida recuperação econômica do bloco após uma crise econômica e financeira de uma década. A pesquisa mensal da Comissão Europeia mostrou que a confiança da zona do euro subiu para 114,0 em outubro, em relação a uma alta revisada para cima de 113,1 em setembro. Foi a leitura mais alta desde janeiro de 2001, quando o estouro da bolha da internet começou a atingir a confiança na zona do euro. O índice alcançou 119,0 pontos, a máxima histórica, em maio de 2000. O índice geral de clima de negócios da Comissão, um indicador separado que aponta para a fase do ciclo econômico, subiu para 1,44 em outubro de 1,34 em setembro - sua maior leitura desde março de 2011, quando registrou 1,47. O otimismo cresceu em todos os setores econômicos pesquisados, saltando para 16,2 pontos, em relação a os 15,4 em setembro no setor de serviços, o maior setor da zona do euro. A confiança na indústria cresceu para 7,9, contra 6,7, e o setor varejista atingiu 5,5, contra 3,0 antes (*REUTERS*, 30/10/2017).

Preços ao produtor na China têm em setembro maior alta em seis meses

A inflação dos preços ao produtor na China acelerou inesperadamente para a máxima de seis meses em setembro uma vez que o boom da construção não dá sinais de recuar e o combate do governo à poluição provoca temores de escassez no inverno e saltos nos preços das *commodities*. A forte demanda da China por materiais de construção provocou um rali de *commodities* que já dura um ano e que ajuda a impulsionar a atividade industrial e a inflação no mundo. O índice de preços ao produtor avançou 6,9% em setembro em relação ao ano anterior, de 6,3% em agosto, informou a Agência Nacional de Estatísticas. O avanço, o mais forte desde março, sinaliza contínua resiliência na economia da China e nos lucros do setor industrial. Na comparação mensal, o índice teve alta de 1,0% em setembro. Os preços futuros de *commodities* da China tiveram fortes variações de preços nas últimas semanas

uma vez que o governo entra em seu maior combate ambiental para reduzir a poluição no inverno. Algumas siderúrgicas e empresas de carvão aumentaram a produção antes dos controles oficiais sobre a produção ou dos fechamentos nos próximos meses. Inspeções ambientais afetaram a cadeia de oferta e ampliaram a incerteza no mercado. Os futuros do aço em Xangai saltaram quase 7,0%, provocando alta similar no minério de ferro. Já o índice de preços ao consumidor na China avançou 1,6% como esperado em setembro, contra 1,8% em agosto. Os preços dos alimentos, maior componente do índice ao consumidor, caíram 1,4% sobre o ano anterior (REUTERS, 16/10/2017).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgado em 27 de outubro, a mediana das projeções do IPCA para 2017 aumentou de 3,00% para 3,08%. Para 2018, a previsão manteve em 4,02%. Em relação ao comportamento do PIB no ano corrente, o mercado financeiro aumentou a expectativa para 0,73%. Em 2018, a estimativa de crescimento permaneceu em 2,50%. As expectativas do mercado, para a segunda quinzena de outubro de 2017, podem ser visualizadas nos dados do Relatório *Focus*, em parte, apresentadas na tabela a seguir.

Relatório Focus – Expectativas de Mercado

Expectativas do mercado						
Mediana – agregado	2017			2018		
	13 out.	27 out.	Comportamento	13 out.	27 out.	Comportamento
IPCA (%)	3,00	3,08	▲	4,02	4,02	=
IGP-M (%)	-0,86	-0,87	▼	4,44	4,39	▼
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,17	3,18	▲	3,24	3,24	=
Meta Taxa Selic – fim do período (% a.a.)	7,00	7,00	=	7,00	7,00	=
PIB (% do crescimento)	0,72	0,73	▲	2,50	2,50	=
Produção Industrial (% do crescimento)	1,18	2,00	▲	2,50	2,98	▲
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-15,00	-15,00	=	-31,00	-30,00	▲
Balança Comercial (US\$ bilhões)	63,73	65,00	▲	50,55	52,20	▲
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	75,00	75,00	=	78,50	80,00	▲

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 27/10/2017.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

João Leão

**SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA**

Eliana Maria Santos Boaventura

**DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS**

Gustavo Casseb Pessoti

**COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL**

Arthur Cruz

PESQUISA DE RADAR SEI

Carla Janira Souza do Nascimento

**COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES**

Augusto Cezar Pereira Orrico

EDITORIA-GERAL

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria Luisa Gouveia

DESIGN GRÁFICO

Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO

Ludmila Nagamatsu



SECRETARIA DE
PLANEJAMENTO

